

Outubro, 2006

Branden Beatty, Recipiente da Bolsa Millenium
Visitante na região do projeto PPA em Minas Gerais, Brasil.

9 de agosto de 2006 — 21 de agosto de 2006.

Papel do participante: estudante visitante externo para compreender o processo de desenvolvimento do projeto.

Minha viagem para o Brasil começou com um investimento pessoal que a World Fisheries Trust fez em mim em 2005. Eu trabalhei para eles como estudante no seu escritório em Victoria por quatro meses e me senti inspirado por suas iniciativas brasileiras. Alguns meses após o término do meu contrato, uma oportunidade de financiamento me foi apresentada. Eu abordei a WFT e preparei uma proposta para a Fundação de Bolsas de Estudo Millenium. A proposta foi aceita e recebi 2.500 dólares canadenses como patrocínio para uma excursão ao Brasil para conhecer as iniciativas do projeto.



No dia 9 de agosto de 2006 eu cheguei em Belo Horizonte e me encontrei com José Vira Souza da Silva, ou simplesmente Zé, como todos o conhecem. Zé viajou rio abaixo, vindo de uma comunidade chamada Ibiaí, onde ele vive da pesca em uma ilha com sua esposa. Zé também sobrevive do seu ativismo, como foi testemunhado em cada encontro que ele teve com outro indivíduo durante a minha estada.

Zé e eu nos demos bem desde o momento em que nos conhecemos. Preparamos nosso dia no quarto do hotel, planejando quem iríamos encontrar e entrevistar e em que ordem, de maneira a maximizar o número de entrevistas e minimizar as viagens. Durante os dois dias em que estivemos em Belo Horizonte, nós encontramos e entrevistamos os parceiros organizadores dos projeto Peixes, Pessoas e Água (PPA) Arley Ferreira, um

capitão da Polícia Militar, Hugo Godinho, e Alexandre Godinho, pai e filho que são professores de biologia na Universidade Federal de Minas Gerais, Marclo Coutinho e Miguel Ribon Jr do IEF, e Roberto Messias do IBAMA. Tanto o Zé como eu gravamos



as longas entrevistas. O Zé iria transmitir as suas entrevistas nas estações locais de rádio de Ibiaí, enquanto que eu trouxe as minhas de volta para o Canadá para benefício do projeto. 48 horas e 10 entrevistas depois, eu e Zé nos separamos na estação rodoviária. Ele estava voltando para sua casa em Ibiaí, onde eu o encontraria mais tarde, e eu estava indo para Três Marias para conhecer e aprender diretamente sobre as iniciativas que estavam acontecendo no campo.

No dia 12 de agosto, eu cheguei em Três Marias.

Eu passei alguns dias conhecendo as comunidades de Três Marias e Beira Rio. Eu conheci muitos parceiros do projeto e outros participantes da região e tive a oportunidade de ficar na casa alugada pelo projeto. Em Beira Rio, eu consegui entrevistar Norberto e Maria José de Santos na sua casa no rio. Ambos foram muito receptivos e estavam felizes em responder minhas perguntas sobre a vida de pesca, a comunidade pesqueira, a dinâmica histórica das comunidades vizinhas e as mudanças que ocorreram na comunidade pesqueira desde que o projeto começou. Norberto ressaltou que poucas mudanças podem ser percebidas na comunidade, mas que o projeto certamente aproximou muitas as pessoas. Maria José foi muito gentil em explicar para mim o que ela aprendeu sobre defumação de peixe. Eu também entrevistei a filha do casal, Luciene da Silva. Ela também tinha muito a dizer sobre o que aprendeu a respeito da defumação de peixe. Outras entrevistas em Beira Rio incluíram Aparecida Gomes, Emanuel Leite e seus filhos Sérgio, Gislaine, Tunia, Jaukine, e o amigo Aveia Silva (da associação jovem). Eles todos pareceram possuir um verdadeiro entendimento de liderança comunitária e tinham muitas coisas para dizer sobre seu envolvimento com o projeto por meio da construção de um modelo comunitário de bacia hidrográfica. Eles também expressaram muitas frustrações com sua comunidade, as quais eles reconheceram que o projeto não seria capaz de modificar. Sobre o rio em Três Marias eu

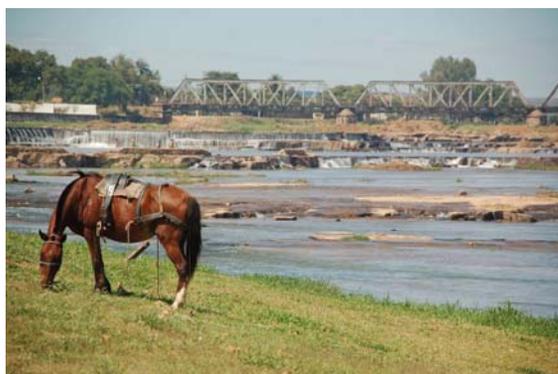
entrevistei o secretário de meio ambiente da cidade, Roberto Carlos, e um de seus funcionários, Wesley. Ambos tem um forte interesse no projeto e estavam muito satisfeitos com a oportunidade de terem se envolvido no mesmo. Roberto Carlos indicou que a pescaria profissional mudou bastante desde que o projeto começou e que os pescadores tem agora uma voz mais ativa, algo que não existia antes do início do projeto na região.

Enquanto em Três Marias, eu tive a oportunidade de participar e fotografar uma oficina de trabalho que tratou da desigualdade de gênero na comunidade. A oficina de trabalho foi organizada para as mulheres da região e foi bastante assistida. Eu pude entrevistar Maria Costa e sua filha Osana, as quais se envolveram fortemete com o



projeto. Maria aprendeu a ser uma repórter comunitária durante uma oficina de trabalho do projeto e espera crescer e atingir seu objetivo de iniciar uma rádio comunitária onde suas reportagens possam ser transmitidas. Eu também entrevistei Matilde Mesquita que admira o trabalho do projeto, o qual fez com se sentisse fortalecida. Três principais organizadores do projeto também dispuzeram de alguns minutos do seu tempo para contar um pouco da história do projeto e dos problemas sistemáticos

com os quais o projeto tem lidado. Thaís Madeira trabalhou com desigualdade de gênero e claramente explicou para mim alguns do atuais problemas. Barabara Johnsen ajudou a formar o projeto. Ela descreveu para mim as dificuldades e sofrimentos que o projeto teve que resistir devido a falta de apoio. Ceiça Corrêia falou de sua esperança no futuro das comunidades onde o projeto tem atuado. Ela sente que a pesquisa e a informação que o projeto trouxe à tona devem ser divididos com membros futuros da comunidade para que eles possam aprender e crescer em direção a um ideal. Antes de sair de Três Marias, eu consegui realizar mais uma entrevista, desta vez com



Raimundo Marcus, o presidente da colônia, que descreveu a história da comunidade pesqueira local. Ele indicou que a contrapartida financeira do lado brasileiro não aconteceu como esperado e que isso causou problemas.

No dia 14 de agosto, eu viajei com um grupo de indivíduos que vieram visitar o projeto PPA advindos de um outro projeto comunitário pesqueiro chamado SOLTEC. Paramos em Pirapora por um dia, uma comunidade rio abaixo de Três Marias, e me encontrei com membros jovens da comunidade que tinham participado das oficinas de



trabalho e outras iniciativas do projeto PPA. Eu visitei muitos lugares ao longo do rio em Pirapora; casas do projeto e iniciativas comunitárias. Havia muita coisa acontecendo nesta comunidade. De **conhecimento de trabalho de troca** até a gratuita distribuição de leite para mães com bebês. Eu tive a oportunidade de visitar e conversar extensivamente com os bioquímicos encarregados da estação local de tratamento de água. Lá, eu entrevistei os funcionários da SAAE, Ana Maria da Silveira e Patrick Valnim, os quais tinham participado



da construção comunitária do modelo de bacia hidrográfica com a comunidade jovem. Os jovens que me acompanharam foram Bruno Santos de Bouros, Camila Karen de Brito, Tiago Santos, Rejane Santos Rodrigues e Débora Aparecida Antunes Pereira. Cada um deles era um repórter comunitário treinado e tinham algo significativo para dizer sobre o projeto. Eles também externaram fortes frustrações relativas ao atual estado de sua comunidade. Eles indicaram que o orgulho em ser pescador aumentou na comunidade desde que o projeto começou. Pirapora me marcou por possuir uma infraestrutura social maior que a de Três Marias.



No dia 15 eu viajei para Ibiaí, novamente acompanhado pelo grupo da SOLTEC. Lá, encontrei-me com Zé de Nós e Josemar Duries, o presidente da colônia, o qual eu pude entrevistar. Ele descreveu para mim as mudanças que

ocorreram em sua comunidade como resultado do projeto; mudanças como o desenvolvimento da colônia de pescadores. Em Ibiaí, o pessoal da SOLTEC discutiu problemas do projeto e da comunidade com Josemar e Zé de Nós. Érika de Castro, uma consultora da WFT, também esteve presente. Ela e eu conversamos e pude entrevistá-la sobre os problemas sistemáticos que surgiram nos projetos brasileiros de desenvolvimento. Após o encontro, o grupo da SOLTEC foi para outra comunidade e eu permaneci com Zé de Nós. Passamos a noite na comunidade e até tivemos dez minutos de transmissão na rádio local, onde o Zé me entrevistou sobre a razão de minha visita a Ibiaí. Também discutimos, no ar, os problemas que os pescadores estão enfrentando. Naquela noite, antes de dormir, Zé me apresentou a uma importante membro da comunidade chamada Antônia Magalhães, a qual entrevistei sobre a história de Ibiaí e as atuais dificuldades que a comunidade enfrenta. Ela tinha muito a dizer sobre sua simpatia por aqueles que desafiam as leis pesqueiras porque precisam comer e sobreviver. Na manhã seguinte, Zé e eu viajamos rio acima para sua casa. Eu conheci sua esposa e as outras tantas pessoas com as quais ele divide a pequena ilha. Nos dois dias que se seguiram, eu tive a oportunidade de viver e pescar com pessoas que tem vivido e pescado no rio Rio São Francisco por toda suas vidas. Eles me recebem de braços abertos e falaram apaixonadamente de como o rio mudou ao longo dos anos. Ter tido a oportunidade de ver as coisas pela perspectiva dessas pessoas foi uma experiência inesquecível, mesmo que ela tenha sido breve e inevitavelmente distorcida pelo fato de eu ser um estranho que não estava diretamente envolvido com os problemas discutidos.

No dia 19, Zé me levou rio abaixo de volta para Ibiaí, onde eu consegui uma carona de volta para Pirapora. Antes de sair, Zé conseguiu realizar mais duas entrevistas na radio local. Ele foi bem suscedido em me transformar em uma celebridade local durante o breve periodo em que estive em Ibiaí. Uma vez em Pirapora, eu me preparei para viajar para Minas Gerais. Eu terminei minha exploração do projeto PPA no dia 21 de agosto, deixando Três Marias e indo para Belo Horizonte.

